

PROCESSO DE CAPTAÇÃO E DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: ATRIBUIÇÕES DO ENFERMEIRO¹

MOLINA, Flávia Castagnino², BECKER, Kelly Emilli², Camila Barreto³

¹Título da produção.

²Acadêmicas do Curso de Enfermagem da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA.

³Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA.

E-mail: flavinhacastagnino@hotmail.com

RESUMO

O Brasil possui o maior sistema público de transplantes do mundo, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o qual oferece o tratamento, incluindo procedimento cirúrgico, medicação e acompanhamentos necessários. Neste contexto, a atuação do enfermeiro na equipe multiprofissional é de extrema relevância, o qual atua ativamente no momento de captação e doação de órgãos. O estudo possui como objetivo descrever os principais achados da literatura científica sobre o papel do enfermeiro no processo captação e de doação de órgãos. Trata-se de uma revisão narrativa, realizada na base de dados LILACS e na Biblioteca Virtual Scielo. Foram selecionados 17 artigos do período de 2008 a 2017. O estudo foi realizado em julho de 2017. O enfermeiro no processo de doação de órgãos presta cuidado especializado na proteção, promoção e reabilitação da saúde de candidatos, receptores e seus familiares, bem como, de doadores vivos e seus familiares. Frente à relevância social que representa a doação de órgãos e tecidos, o profissional de saúde deve atuar como educador. Ressalta-se a necessidade de planejar estratégias e realizar um processo educativo contínuo, respaldado por referenciais teóricos e modelos cientificamente reconhecidos destinados a todos os segmentos da comunidade e também a equipe de saúde que atua neste processo.

Palavras-chaves: Doação de órgãos, Atuação do enfermeiro, Enfermagem

INTRODUÇÃO

Os transplantes de órgãos e tecidos são considerados uma terapêutica em diversas patologias crônicas e incapacitantes e oportunizam a reabilitação e o aumento da expectativa de vida na população (DALBEM; CAREGNATO,2010). No Brasil, os transplantes de órgãos iniciaram-se na década de 1960, desde então houve significativos avanços na área. O processo de

doação de órgãos tem se aprimorado, assim, tornando possível que um potencial doador seja transformado em doador efetivo. Ademais, a doação é percebida como um ato de solidariedade e compaixão ao próximo, por beneficiar a qualidade de vida de pessoas doentes que aguardam por um transplante. No entanto, apenas ocorre mediante o consentimento familiar, ao permitir a retirada dos órgãos e tecidos para fins de transplantes, conforme o artigo número 4º da Lei nº 10.211, de 23 de março de 2001. Para milhares de brasileiros, a realização do transplante é a única esperança de recuperação ou sobrevivência, sendo crescente o número de pacientes inscritos nas listas de espera (MORAIS; MORAIS, 2012). O inadequado número de órgãos não é atribuído somente à falta de doadores, mas também à dificuldade de transformar potenciais doadores, em doadores reais (ARCANJO et. al,2013). Também persistem barreiras na efetivação da doação como, a falta de notificação de morte encefálica e as falhas na manutenção dos órgãos para a captação, os quais representam fatores impeditivos. O enfermeiro pela sua proximidade à pessoa e família na prestação de cuidados, ocupa uma posição privilegiada na identificação de potenciais doadores. Estes cuidados requerem conhecimentos e competências técnicas, humanas, éticas e legais para as quais deve estar preparado. O papel do enfermeiro é diferenciado de acordo com a sua formação profissional, cargo na instituição e cenário de prática. Com base nestas considerações justifica-se a relevância deste estudo, e apresenta-se o objetivo deste trabalho: descrever os principais achados da literatura científica sobre o papel do enfermeiro no processo de captação e doação de órgãos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O paciente em Morte encefálica (ME) é definido como um ser que apresenta parada total e irreversível do cérebro e tronco cerebral, mas que mantém artificialmente, a função cardiorrespiratória. Este paciente, quando não há contraindicações, poderá ser considerado um futuro doador de órgãos. A transformação de potencial doador em doador efetivo, exige que a equipe multiprofissional seja qualificada e preparada para lidar com essa situação tanto na dimensão técnico-científica quanto humanística, que são inerentes ao cuidado de enfermagem (LIMA, 2012). O Conselho Federal de Enfermagem, em sua Resolução 292/2004 normatizou a atuação do enfermeiro no processo de doação, incumbindo-lhe explicitamente de “planejar, executar, coordenar, supervisionar e avaliar os procedimentos de enfermagem” (COFEN, 2004). O processo de captação de órgãos inicia-se no momento que há confirmação de morte encefálica. Após é necessária a realização de uma série de exames e procedimentos para determinar a potencialidade da doação. Verificada a positividade da doação, todos os esforços

são dispensados a fim de manter o funcionamento do organismo em perfeitas condições de funcionamento. Guetti e Marques (2008, p.92) afirmam que um único potencial doador em boas condições poderá beneficiar, por meio de transplantes de diversos órgãos e tecidos, mais de dez pacientes. O diagnóstico de ME, deve ser notificada compulsoriamente à Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos e Tecidos (CNCDO), descentralizadas em OPOs (Organização de Procura de Órgãos). Atualmente, o país possui o maior sistema público de transplantes do mundo, o Sistema Único de Saúde (SUS), o qual oferece o tratamento, incluindo procedimento cirúrgico, medicação e acompanhamentos necessários. Para que essa intervenção ocorra, são realizadas avaliações médica e psicossocial do paciente receptor, ainda coleta de exames e verificação da compatibilidade do possível doador. Entretanto, o país possui, proporcionalmente, uma das maiores listas de espera para transplantes do mundo.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa, constituída de artigos científicos acerca da temática: importância do enfermeiro na doação de órgãos. Para levantamento do material foram realizadas buscas na base de dados LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em ciências da saúde) e na Biblioteca Virtual SCIELO (Scientific Eletronic Library On Line). As palavras chaves utilizadas foram: doação de órgãos, atuação do enfermeiro e enfermagem. Foram selecionados 17 artigos científicos do período de 2008 a 2017. O estudo foi realizado em Julho de 2017.

RESULTADOS

O enfermeiro no processo de doação de órgãos que presta o cuidado especializado na proteção, promoção e reabilitação da saúde de candidatos, receptores e seus familiares, bem como, de doadores vivos e seus familiares (CAVALCANTE, 2014) O profissional necessita obter conhecimentos específicos, experiência clínica e estar em constante processo de educação permanente, a fim de desenvolver pensamento crítico para tomada de decisões. Dentre as atividades desenvolvidas, do enfermeiro clínico, destaca-se a avaliação, o diagnóstico, a identificação de resultados, o planejamento do cuidado, a implementação de intervenções e a avaliação de resultados voltados para a doação e o transplante de órgãos, bem como saber diagnosticar alterações de saúde (BATISTA et. al,2012). Já o enfermeiro coordenador de transplante é o elemento da equipe responsável por agilizar e auxiliar no processo, por meio da integração entre todos os membros da equipe, e também ao atuar como

elo entre o paciente, familiares e a equipe (ARCANJO et.al, 2013). A sua atuação tem como foco principal assegurar a qualidade do cuidado às pessoas com postura ética, durante todas as fases do processo. É preciso se portar com sensibilidade, empatia e humanidade para compreender e lidar de forma adequada com os conflitos e o sofrimento humano gerado. Além disso, deve cumprir as recomendações estabelecidas pelo Sistema Nacional de Transplantes (SNT). Em setembro de 2005 foi instituída a regulação dos transplantes no Sistema Único de Saúde (SUS), por intermédio da Portaria 1.752/GM/MS, que determinava a constituição de Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes (CIHDOTT) em todos os hospitais privados, públicos e filantrópicos que disponibilizassem mais de 80 leitos. Com essa legislação, cria-se no ambiente hospitalar uma mudança frente à captação e doação de órgãos, ao criar uma comissão capaz de efetivar a proposta de doação (ARCANJO et. al,2013) A recusa familiar para a doação de órgãos ainda é um fator que contribui para a não efetivação do potencial doador, apesar do crescimento na taxa de doação de órgãos em todo o país. Desse modo, os enfermeiros podem facilitar a doação de órgãos por meio da educação da população, na divulgação dos benefícios e procedimentos necessários para o processo de doação de órgãos. Ainda, a importância de incentivar os indivíduos a verbalizarem para seus familiares o desejo de doar ou não órgãos para transplantes, e principalmente, desmistificar o conceito de morte encefálica para a população leiga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo resgatou a importância do papel do profissional de enfermagem no processo de captação de órgãos como uma forma de se garantir um maior sucesso no número real de potenciais doadores. A desinformação da população pode gerar interpretações errôneas a respeito da captação e do transplante de órgãos, embora existam informações veiculadas, porém não suficientes para mudança desta realidade. Considerando depender a doação exclusivamente de autorização familiar, mesmo com taxas de recusa, há necessidade de ampliar o debate sobre o tema, realizar campanhas para estimular e conscientizar a população, incentivar as pessoas a manifestarem seu desejo e discutir em família a decisão tomada. Frente à relevância social que representa a doação de órgãos e tecidos, o profissional de saúde deve atuar como educador. Ressalta-se a necessidade de planejar estratégias e realizar um processo educativo contínuo junto a equipe de saúde, respaldado por referenciais teóricos e modelos cientificamente reconhecidos destinados a todos os segmentos da comunidade.

REFERÊNCIAS

ARCANJO, R. A; OLIVEIRA, L. C; SILVA, D.D. *Reflexões sobre a comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos para transplantes*. Rev bioét (Impr.) 2013; 21 (1): 119-25

BATISTA et. al. *Atuação do enfermeiro no processo de doação de órgãos e tecidos Para transplante* JBT J Bras Transpl. 2012;15(4):1689-1714.

CAVALCANTE, Layana de Paula et. al. *Cuidados de enfermagem ao paciente em morte encefálica e potencial doador de órgãos*. Acta Paul Enferm. 2014; 27(6):567-72.

CICOLO, E. A; ROZA, B. A; SCHIRMER, J. *Doação e transplante de órgãos: produção científica da enfermagem brasileira*. Rev Bras Enferm, Brasília 2010 mar-abr; 63(2): 274-8.

CINTRA V; SANNA, M. C. *Transformações na administração em enfermagem no suporte aos transplantes no Brasil*. Rev Bras Enferm 2005 jan-fev; 58(1):78-81.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN nº 292/2004. Normatiza a atuação do Enfermeiro na Captação e Transplante de Órgãos e Tecidos. 2004 [acesso: 24 junho]: Disponível em: <http://site.portalcofen.gov.br/node/4328>.

DALBEM, Giana Garcia; CAREGNATO, Rita Calina Aquino. *Doação de órgãos e tecidos para transplante: recusa das Famílias*. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2010 Out-Dez; 19(4): 728-35.

GUETTI, N.R.; MARQUES, I.R. *Assistência de enfermagem ao potencial doador de órgãos em morte encefálica*. Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília, 61(1): 91-7, janeiro-fevereiro, 2008.

GOMES, Laís Silva et. al. *Doação de órgãos: responsabilidade social no exercício profissional da enfermagem*. R. pesq. cuid. fundam. online 2010. out/dez. 2(Ed. Supl.):881-883

LIMA, Adriana Aparecida de Faria. *Doação de órgãos para transplante: conflitos éticos na percepção do profissional*. O Mundo da Saúde, São Paulo - 2012;36(1):27-33

LIMA, C. S. P; BATISTA, A. C. O; BARBOSA, S. F. F. *Percepções da equipe de enfermagem no cuidado ao paciente em morte encefálica* Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2013 jul/set;15(3):780-9. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i3.17497>

MORAES, Edvaldo Leal et. al. *Vivência de enfermeiros no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante*. Rev. Latino-Am. Enfermagem mar.-abr. 2014;22(2):226-33

MORAIS, Taíse R; MORAIS, Maricelma R. *Doação de órgãos: é preciso educar para avançar*. Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 633-639, out./dez. 2012